



Foto de Rolando de Freitas

Cardoso passeou pela cidade preocupado com a lei

Esgotado, Cardoso acha que valeu a pena

252
CARLOS MANENTE

São duas horas da madrugada de segunda-feira no comitê de Fernando Henrique Cardoso e há duas horas, exatamente, está encerrada oficialmente, a campanha eleitoral. A atriz Regina Duarte tem os olhos vermelhos, pelo sono atrasado, e seus cabelos estão despendeados, enquanto termina de redigir uma carta que os artistas pretendem mandar a um jornal. Fernando Henrique está pálido, a camisa amassada e um pouco fora da calça, ao lado da mulher, Rute, que insiste em que ele vá logo para casa.

Há 17 horas Fernando Henrique acordara, e durante todo o dia — o domingo, último dia oficial da campanha — quase não comeu. Tomou apenas um chá, pela manhã, pouco antes de ler os jornais, e no almoço experimentou a “comida de campanha”, que as mulheres de políticos mais antigos ensinaram a sua mulher: alimentos leves, facilmente digeríveis, porque um almoço mais pesado acentua o sono, sempre em atraso, e torna o candidato indolente.

Apesar do cansaço — todos estão jogados nas poucas cadei-

ras existentes no comitê, com as pernas esticadas — os cabos eleitorais improvisaram uma pequena comemoração. Os motivos, eles repetem a cada instante: “Fernando Henrique foi o mais aplaudido depois da entrevista coletiva das lideranças do MDB, e o mais aplaudido no comício. Além disso, noventa por cento dos oradores pediram votos para ele”.

Ao acordar, pela manhã, nem mesmo o candidato esperava um dia tão produtivo. Logo cedo, telefonou para o comitê e cancelou os compromissos que teria: estava completamente esgotado, e decidiu poupar-se para o comício de Osasco, à noite, que encerraria oficialmente a campanha do Movimento Democrático Brasileiro.

Esse esgotamento acumulou-se em mais de 30 mil quilômetros rodados durante os 3 meses de campanha eleitoral sem televisão. “A Lei Falcão é uma lei que tenta manter a situação dominante, os mesmos nomes. Torna-se muito difícil qualquer renovação”, reclama Fernando Henrique, xicara de chá à frente e jornal na mão.

“Essa é uma verdadeira campanha de vereador, que tem que ser feita porta a porta. Dormir? No máximo quatro horas por noite...”

“Vide olheiras...” interrompe Rute.

“... um sono que não descança, que não recupera. Para isso, seria necessário muito mais que uma noite. E olhe que tenho a fama de derrubar equipe de trabalho, tenho muita resistência.”

Mas o sociólogo Fernando Henrique Cardoso acha que valeu a pena, e garante: durante toda a campanha, não perdeu o bom humor uma única vez. “Uma campanha é algo gratificante. Não é um estilo de vida, mas há coisas compensadoras. A gente conhece muitas pessoas, e sente de perto o que é relacionamento do povo com seus ídolos, o que é a fama.”

“É interessante notar — diz o sociólogo — que o povo não se contenta em ver. Quer também tocar, segurar. E demonstra um misto de admiração e agressividade. Se puder, ele rasga a camisa, arranca botões, arranha, dá tapas. Isso aconteceu tanto comigo como com os artistas que me acompanharam. Só que eles já estavam acostumados, e eu não.”

Esses artistas distribuíram, para Fernando Henrique, parte dos 50 milhões de impressos que os organizadores de sua campanha mandaram imprimir. Desses, 40 milhões são im-

tações de cédulas, com os nomes dos candidatos assinalados. Foram impressos, ainda, 500 mil jornais da campanha, 400 mil folhetos, 2 milhões de “santinhos”, pequenos papéis com a fotografia do candidato, e 200 mil cartazes de apoio dos artistas ao candidato.

Isso consumiu perto de 80% do 1,7 milhão de cruzeiros que Fernando Henrique gastou durante a campanha eleitoral. “Na verdade, eu não tinha dinheiro para gastar, e só foi possível fazer alguma coisa com os recursos arrecadados na venda de gravuras oferecidas por artistas plásticos, para a campanha.”

Nessa exposição, foram vendidas cerca de 2 mil gravuras, o que rendeu 1,2 milhão de cruzeiros. Elis Regina apresentou um show e doou todo o dinheiro arrecadado a Fernando Henrique, perto de 60 mil cruzeiros. O mesmo aconteceu com a apresentação da revista do Henfil. Havia, ainda, contribuições individuais para a campanha, de um grupo de amigos, que davam, mensalmente, entre 100 e mil cruzeiros para os gastos. As vendas de camisetas renderam pouco, apenas 3 mil cruzeiros, mas foram importantes, do ponto de vista eleitoral: elas têm a imagem do candidato gravada.

Toca o telefone, Fernando Henrique atende. São seus cabos eleitorais, reclamando da propaganda que, na noite anterior começara a ser exibida na televisão. “O que? Dessa maneira? Isso é um absurdo, vou mandar tirar do ar.” Desliga e explica que, segundo seus amigos, a propaganda praticamente induz o eleitor a votar em Franco Montoro. “O rapaz da comissão de propaganda do MDB é do Montoro, e sempre faz dessas”, comenta, enquanto liga para Orestes Quêrcia, em Campinas. Explica o que acontece e ao desligar, está satisfeito. “Parece que será possível resolver, a propaganda vai ser modificada.”

Fernando Henrique gosta da matéria de jornal que mostra o debate que deve com os outros dois candidatos, comenta as declarações do general Figueiredo — “ele é um excelente cabo eleitoral da Oposição” — e adverte para a capacidade de articulação política de Geisel. “O grande problema é que nós, adversários não são bobos. Eles sabem que vão perder, com uma diferença muito grande, e devem estar tramando algo para distorcer os resultados. O próximo lance é deles, e só nos resta tentar prever, e preparar a defesa”.

Essa vitória do MDB será fácil — diz Fernando Henrique, pouco antes de sentar-se à mesa, para o almoço, e irá repeti-lo à noite, outra vez, no comício do partido. “Há algumas coisas de que o povo gosta mais de ouvir, e isso demonstra como está revoltado com a Arena. Um desses assuntos é a corrupção, incluindo a corrupção eleitoral. O outro, é o roubo do voto, e ainda a alta do custo de vida, juntamente com os salários completamente defasados da realidade dos preços”.

Para Fernando Henrique, sua campanha foi válida porque conseguiu trazer para a política muita gente importante, que estava afastada dela: lideranças sindicais, lideranças intelectuais, artistas, jornalistas, e até mesmo os estudantes. As prévias, entretanto, mostram que sua votação deverá ser menos expressiva que os apelos que recebeu. “Faltou tempo e faltaram veículos. Mas, com o tempo, isso será corrigido”, promete, diante do olhar compreensivo de dona Rute, que comenta:

“Quer dizer que vamos ter mais trabalho pela frente? Da próxima vez será mais fácil, pois estaremos mais experientes...”